

Simone Mainieri Paulon
Mário Francis Petry Londero
ORGANIZADORES

Série Atenção Básica e Educação na Saúde



SAÚDE MENTAL NA ATENÇÃO BÁSICA: O PESQUISAR COMO CUIDADO

e-livro
SUSTENTABILIDADE
editora redeunida

FAÇA SUA DOAÇÃO E COLABORE
www.redeunida.org.br

editora

redeunida

1ª Edição
Porto Alegre
2019

editora

redeunida

Coordenador Nacional da Rede UNIDA

Túlio Batista Franco

Coordenação Editorial

Editor-Chefe: **Alcindo Antônio Ferla**

Editores Associados: **Ricardo Burg Ceccim, Cristian Fabiano Guimarães, Márcia Fernanda Mello Mendes**

Conselho Editorial

Adriane Pires Batiston – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Alcindo Antônio Ferla – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Ana Lúcia Abrahão da Silva - Universidade Federal Fluminense, Brasil

Àngel Martínez-Hernández – Universitat Rovira i Virgili, Espanha

Angelo Stefanini – Università di Bologna, Itália

Ardigó Martino – Università di Bologna, Itália

Berta Paz Lorido – Universitat de les Illes Balears, Espanha

Celia Beatriz Iriart – University of New Mexico, Estados Unidos da América

Débora Cristina Bertussi - Universidade São Caetano do Sul, Brasil

Denise Bueno – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Denise Antunes de Azambuja Zocche – Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil

Dora Lúcia Leidens Corrêa de Oliveira – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Emerson Elias Merhy – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Proença de Oliveira – Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Francisca Valda Silva de Oliveira – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Izabella Barison Matos – Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

Hêider Aurélio Pinto – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

João Henrique Lara do Amaral – Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

José Ivo dos Santos Pedrosa - Universidade Federal do Piauí, Brasil

Júlio César Schweickardt – Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil

Laura Camargo Macruz Feuerwerker – Universidade de São Paulo, Brasil

Laura Serrant-Green – University of Wolverhampton, Inglaterra

Leonardo Federico – Universidad Nacional de Lanús, Argentina

Lisiane Böer Possa – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Liliana Santos – Universidade Federal da Bahia, Brasil

Luciano Bezerra Gomes – Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Mara Lisiane dos Santos – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Augusta Nicoli – Agenzia Sanitaria e Sociale Regionale, Itália

Márcia Regina Cardoso Torres – Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil

Marco Akerman – Universidade de São Paulo, Brasil

Maria das Graças Alves Pereira - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre, Brasil

Maria Luiza Jaeger – Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil

Maria Rocineide Ferreira da Silva – Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Oswaldo Peralta Bonetti - Ministério da Saúde, Brasil

Odete Messa Torres – Universidade federal do Pampa, Brasil

Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira – Universidade Federal do Pará, Brasil

Renan Albuquerque Rodrigues – Universidade Federal do Amazonas/Parintins, Brasil

Ricardo Burg Ceccim – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Ricardo Luiz Narciso Moebus - Escola de Medicina da Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Rodrigo Tobias de Sousa Lima – Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil

Rossana Staeve Baduy – Universidade Estadual de Londrina, Brasil

Simone Edi Chaves – Ideia e Método, Brasil

Sueli Terezinha Goi Barrios – Ministério da Saúde, Brasil

Túlio Batista Franco – Universidade Federal Fluminense, Brasil

Vanderléia Laodete Pulga – Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

Vera Lucia Kodjaoglanian – Secretaria de Estado de Saúde de Mato Grosso do Sul, Brasil

Vera Maria Rocha – Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil

Comissão Executiva Editorial

Márcia Regina Cardoso Torres

Gabriel Calazans Baptista

Letícia Stanczyk

Projeto Gráfico | Capa | Edição Imagem Capa | Diagramação

Lucia Pouchain

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO-CIP

S255 Saúde mental na Atenção Básica: o pesquisar como cuidado [recurso eletrônico] / Simone Mainieri Paulon e Mário Francis Petry Londero, organizadores. – 1.ed. – Porto Alegre : Rede UNIDA; 2019. 216 p. : il. – (Série Atenção Básica e Educação na Saúde)

ISBN: 978-85-54329-21-1

DOI: 10.18310/9788554329211

1. Saúde mental. 2. Atenção básica. 3. Educação permanente. 4. Atenção primária à saúde. 5. Pesquisa em saúde. 6. Promoção da saúde. I. Paulon, Simone Mainieri. II. Londero, Mário Francis Petry.

CDU: 614

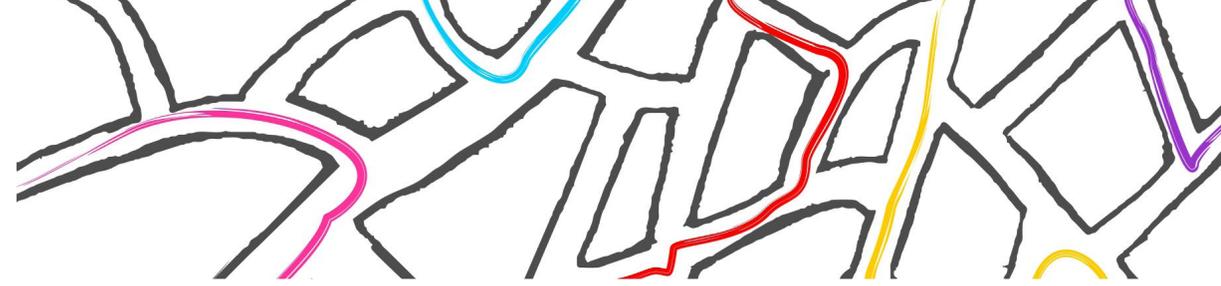
NLM: WM105

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes – CRB 10/463

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Brasileira Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS. Fone: (51) 3391-1252

www.redeunida.org.br





APRESENTAÇÃO

Simone Mainieri Paulon
Mário Francis Petry Londero

Necessariamente, as narrativas daquelas que foram forçadas ao lugar do Outro, serão narrativas que visam trazer conflitos necessários para a mudança. O não ouvir é a tendência a permanecer num lugar cômodo e confortável daquele que se intitula poder falar sobre os Outros, enquanto esses Outros permanecem silenciados.
(RIBEIRO, 2017, p.78)

Talvez uma das maiores contribuições do feminismo teórico venha do feminismo negro que tem nos ensinado quão desleal, imoral, antiético e falacioso é a pretensão de “traduzir” a verdade do outro a partir de um lugar de poder que a ciência nos atribui. Não por acaso a instituição acadêmica resiste tanto a reconhecer isto que Foucault cirurgicamente designou como “indignidade de falar pelos outros” (2010). Não é de fato simples a operação de desconstrução das verdades milenares que uma cultura racionalista, sexista, racista e colonialista se ocupou de erigir.

Por este motivo, como diz Djamila Ribeiro (2017), do alto da legitimidade que seus carnudos lábios de mulher negra contemporânea lhe dão, aceitar o protagonismo do outro implica que eu aceite não ser sempre protagonista! Xs pesquisadorxs que esta coletânea reúne têm, entre muitas afinidades, esta disposição em comum: deslocarem-se dos confortáveis lugares de enunciadores da verdade alheia - que suas privilegiadas posições de classe lhes dão - para que a verdade desses outros, que a máxima foucaultiana sintetizou como “outro da razão”, possa advir.

Esta ética militante de compartilhar protagonismos, assim como verdades outras sobre a loucura, faz desse grupo de investigadores também um grupo

de amigxs curiosxs e dispostxs a novas aventuras militantes antimanicomiais. Neste grave momento de desmonte da máquina pública brasileira, de retrocessos impensáveis nas conquistas sociais – que incluem ataques a muitos dos maiores avanços acumulados na política nacional de saúde mental – pensar modos inclusivos e participativos de produzir conhecimento é, mais do que alternativa de cuidado, uma questão de sobrevivência subjetiva.

Cuidar e intervir, pesquisar e escutar, compreender e transformar são, assim, pares inseparáveis, que no limite se confundem. E assim mesmo é que deve ser, afinal, se quisermos trabalhar contra todas as formas de silenciamento da diferença e mantermos o compromisso com a verdade, que nunca foi de uma só cor, gênero, classe ou racionalidade como a ciência quis fazer parecer.

Por este motivo, nossas investigações são tecidas no calor dos acontecimentos que fervilham no país, espreitando os “poucos de possíveis” (para usar outra expressão foucaultiana) que a artesanaria cotidiana do trabalho no Sistema Único de Saúde produz, tramando juntos conhecimentos sobre o que pode a saúde mental nos territórios. É também um desafio ético-político e afetivo, pois como bem explicou a usuária de uma das pesquisas aqui relatadas: “Eu agora sei o que é saúde mental”.

A singela expressão que mistura saúde mental à possibilidade de se estar entre amigxs justifica em boa parte o campo aqui estudado, assim como as produções sobre as quais se discorre. A precisão da definição que apresenta a Atenção Básica como território privilegiado de cuidado traz consigo um dos principais aspectos em que reforma sanitária e psiquiátrica se potencializam mutuamente: a produção de saúde é sempre junto inevitavelmente produção de subjetividade.

Neste sentido, outra aposta que reúne os pesquisadores dessa coletânea é a do pesquisar-intervir entendido como um caminhar por entre coletivos. Um aguçar dos sentidos como em um movimento que busca desacelerar o tempo da correria do dia a dia que inviabiliza as sutilezas inventivas dos encontros. Experiências ímpares que somente quando colocamos uma lupa é que percebemos que acontecem micropoliticamente a cada movimento de cuidado na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). É, portanto, um apostar que faz jus à raiz de pôr-se ao lado, ao mesmo tempo em que cria e afirma a potência revolucionária da

Reforma Psiquiátrica brasileira, em uma composição textual problematizadora dos cenários insalubres, adoecedores da rede e de sua gestão de cuidados, de um desmonte das políticas públicas, em seu recrudescimento das funções redistributivas do Estado e de toda sorte de violências institucionais.

Os textos, caleidoscopicamente aqui enlaçados, tratam de experiências de apoio matricial na RAPS; discutem práticas de Redução de Danos; trazem encontros, por vezes surpreendentes, proporcionados pela Atenção Básica na tarefa, ainda difícil de ser acolhida, de incorporar a saúde mental em seu cotidiano; do cuidado na infância e seu engatinhar ainda tão distante das demandas efetivas de tal população; da urgência da intersetorialidade; e de pesquisas-intervenções que se propuseram a analisar as implicações da rede, de maneira coletiva, a fim de seguir na lenta e imprescindível construção de um mundo que dê acolhida à experiência da loucura problematizando o fantasma manicomial sempre tão insidioso em suas formas de atualização.

Trata-se de fato da continuidade de um projeto¹ que, em sua primeira etapa de exploração e aprofundamento do tema Saúde Mental na Atenção Básica, teve como foco os desafios da territorialização do cuidado. Esta segunda etapa das produções de pesquisas da Saúde Mental na Atenção Básica², que recebeu financiamento do SUS para ser realizada, procura desdobrar aquelas problematizações agora com enfoque mais metodológico³. Ao percorrer com os mais diversos atores – dos gestores aos trabalhadores, dos usuários aos pesquisadores, dos familiares a sociedade – práticas de cuidado, angústias, dores, invenções, relações e marcas institucionais por vezes não vistas, mas ainda muito marcantes para quem as vive, este volume se debruça sobre os avanços e impasses que o campo da saúde mental tem produzido em seus modos de investigação-inclusão. A perspectiva que permite associar cuidado a processos investigativos é

1 Esta pesquisa recebeu o nome de “Estratégias de cuidado em saúde mental na interface com a atenção básica: o trabalho dos Agentes Comunitários de Saúde nas equipes de Saúde da Família”. Projeto financiado pelo CNPQ/FAPERGS através do Edital do Programa Pesquisa para o SUS: gestão compartilhada em saúde-PPSUS/2009.

2 Esta pesquisa recebeu o nome de “Qualificação da Saúde Mental na Atenção Básica: uma análise das práticas de equipes da Região 10 - macrometropolitana/RS a partir do Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica (PMAQ)”. Realizada pelo grupo Intervires: Pesquisa-intervenção em Políticas Públicas, Saúde Mental e Cuidado em Rede do PPG de Psicologia Social e PPG de Saúde Coletiva da UFRGS. Contou com apoio da Rede Governo Colaborativo e foi contemplada com financiamento do edital PPSUS/FAPERGS/MS/CNPq/SESRS n.002/2013.

3 O primeiro produto da referida pesquisa foi a publicação de um número temático na revista Polis e Psique, Volume 8, Número 1, 2018.

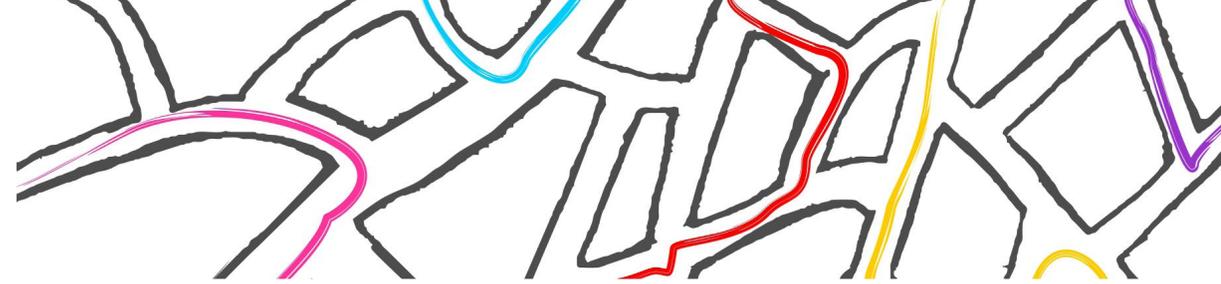
tanto uma pretensão quanto uma conclusão, e como tal exige uma avaliação que agora cabe aos leitores.

Para encerrar esta apresentação aos relatos que seguem como pretensas contribuições do campo da saúde mental aos imprescindíveis avanços que nossa golpeada democracia demanda, vale lembrar outra fala de um usuário. “Escola de liberdade” foi o nome que um ex-interno do hospício francês de Saint Alban deu à experiência desencadeada pela anarco-psiquiatra. Tosquelles (1984) que, em plena segunda guerra mundial, respondeu à violência da imposição do higienismo nazista com resistência criativa, ao misturar artistas, loucos e habitantes da pequena cidade, acostumados aos muros intransponíveis do hospício, promovendo trocas e ganhos tanto para os internos quanto para os “de fora” o laboratório de Saint Alban, mostrou que o cuidado compartilhado e livre das amarras asilares não é só possível como enriquece a cidade e intervém na cultura.

Mesmo sem guerra declarada, mesmo com todos os sucessivos ataques que a constituição, o SUS e a Reforma Psiquiátrica têm sofrido, nossa resposta vem, outra vez, inspirada na força das feministas: Sozinhxs andamos bem, e com amigxs, andamos melhor! Avante!

Referências

- FOUCAULT, M. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução Maria Ermantina Galvão. Segunda edição – São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2010.
- RIBEIRO, D. O que é Lugar de Fala? Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte (MG). Letramento, Justificando, 2017.
- TOSQUELLES, F. Éducation et psychotérapie institutionnelle. Mantes-la-Ville: Hiatus, 1984.



PREFÁCIO

Paulo Amarante

Não é sem razão que o processo denominado de reforma psiquiátrica ou, num sentido mais amplo, do processo de transformações no campo da saúde mental e atenção psicossocial que passou a ocorrer no Brasil desde a década de 1970 se tornou referência internacional.

Isto se deve ao fato de que o mesmo proporcionou uma verdadeira revolução, não apenas no âmbito do sistema assistencial psiquiátrico, que era quase que totalmente asilar-manicomial (e põe manicomial nisto!), como disparou uma profunda mudança no mundo das relações tanto clínicas e institucionais quanto culturais, no lidar com a loucura e com as pessoas identificadas como loucas.

Se pensarmos que no início do processo, até o ano de 1997 para ser mais preciso, 93,2% de tudo o que se gastava em assistência psiquiátrica (pois na verdade nem se falava ainda em “saúde mental” ou “atenção psicossocial”) era consumido pelos hospitais psiquiátricos, restando apenas 6,8% dos recursos a serem utilizados em míseros ambulatórios renovadores de receitas e em um ou outro hospital-dia experimental por aqui ou por ali⁴. Desde então foram fechadas cerca de 60 mil vagas em hospitais psiquiátricos (sempre defendi a extinção completa dessas instituições) que foram modestamente substituídos por milhares de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), Centros de Convivência, residências assistidas, projetos culturais, projetos sociais, cooperativas de trabalho, saúde da família, atenção básica e tantas outras novas possibilidades. Em poucos anos de uma árdua luta e apenas 4 anos após a aprovação da Lei 10.216 de 2001, a pirâmide de investimentos públicos na saúde mental estaria invertida e em 2006 alcançamos

⁴ BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Saúde Mental em Dados 12. Disponível nos portais: www.saude.gov.br e www.saude.gov.br/bvs/saudemental